

HISTÓRIA DA ILHA

Carolina Correia dos Santos (UFRJ / FAPERJ)¹

Resumo: Lacatumarea Silicata é uma espécie de criatura que, como a Siphonora Ovulares, pode ser que habite uma das Ilhas Flutuantes que Beatriz Chachamovits fez emergir nos seus desenhos. As Ilhas têm seus contornos mal definidos e é impossível afirmar que os animais feitos por Beatriz vivam ali. Não é uma questão factual, certamente; mas esse mundo – de Beatriz, da Lacatumarea, da Siphonora e das Ilhas – conta uma história e existe por causa dela. É na relação entre a artista e suas criaturas que todos os atores emergem. A relação é, de fato, a menor unidade de análise possível. Depois da manifestação do ciborgue, é “a espécie de companhia”, não “o animal de estimação”, que melhor contesta o binarismo natureza/cultura e que talvez possa, de modo mais produtivo, “informar políticas e ontologias mais vivíveis nos atuais mundos de vida”.

Palavras-chave: Corpo, Donna Haraway, indivíduos, Deleuze, Spinoza.



Todos os desenhos são de Beatriz Chachamovits e as imagens estão disponíveis no site: <http://www.beatrizchachamovits.com>

Um corpo, um indivíduo. Nunca fomos indivíduos é o nome de um importante artigo científico de Gilbert, Sapp e Tauber, de 2012. Indivíduos são holobiontes. Isso quer dizer que nem humanos, nem qualquer outro organismo, podem ser considerados indivíduos segundo os critérios biológicos da anatomia. “Holobiontes”, o termo, foi introduzido para poder descrever organismos compostos por elementos anfitriões e persistentes populações de simbiotes (GILBERT, SAPP, TAUBER, 2012, p. 328). Essa constatação da biologia se vincula a um problema filosófico importante e, por consequência, a diversas e potentes respostas, em diferentes momentos. Indivíduos, porque holobiontes, não têm origem, posto que sua origem é sempre diferida; seus limites estão sempre em outro lugar. Indivíduos, porque holobiontes, são constituídos de infinitos conjuntos de minúsculos corpos. Para Spinoza, diz Deleuze (2010), não faz sentido falar de uma individualidade simples. Cada indivíduo, como tal, é composto de uma infinidade de partes.

Talvez tenha havido um lugar e um tempo em que se pensou um corpo e um

¹ Doutora em Teoria Literária e Literatura Comparada pela USP. Realiza pesquisa de pós doutorado no departamento de Ciência da Literatura da UFRJ com bolsa pós doc-10 da FAPERJ.

indivíduo como unidades, unidades limitadas e apartadas de outras. Este pensamento nunca foi o único em um único lugar, mas seus efeitos são considerados evidentes em muitos lugares. Talvez aquele tempo ainda exista; certamente, concomitantemente a outros. Talvez o nome dele seja Antropoceno. Donna Haraway diz que estes são tempos urgentes. Critica “Antropoceno” porque o antropo no centro, protagonista absoluto da narrativa de transformação da Terra não rende nada além de uma história escatológica. No antropoceno, somente o antropo como unidade pode ser o agente geológico que danifica a Terra. O ator completamente humano, aquele cujo corpo combate os intrusos minúsculos através da medicina e da ciência, mas cuja inteligência perde os freios do bom senso, como dizem condescendentes humanos ecologistas. “O homem também é parte da natureza”, dizem, com razão e coração. “Voltemos às raízes”, “ façamos ciência para o bem”. Eles não estão errados mas o que dizem é irrelevante. Não há volta porque não há partida: sempre nos relacionamos com o que existe, natureza–cultura, e o que podemos fazer – e que não é pouco – é contrariar histórias.

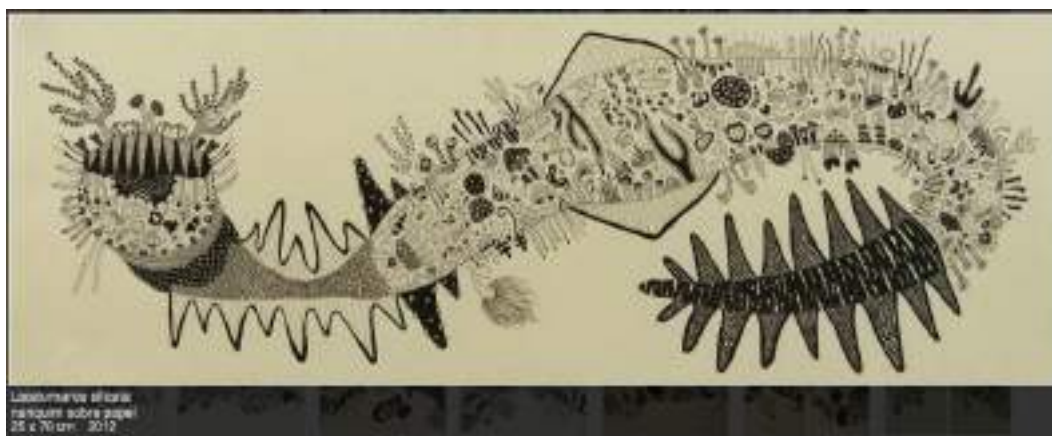
we (Donna Haraway e sua cadela) have had forbidden conversations; we have had oral intercourse; we are bound in telling story upon story with nothing but the facts. We are training each other in acts of communication we barely understand. We are, constitutively, companion species. We make each other up in the flesh. Significantly other to each other, in specific difference, we signify in the flesh a nasty developmental infection called love. This love is an historical aberration and a naturalcultural legacy (HARAWAY, 2003, p. 2-3).

Deleuze e Spinoza dizem que uma pequena alegria pode nos projetar em um novo universo de ideias concretas. As alegrias brigam contra a tristeza e criamos noções comuns, com uma pessoa, com um animal (DELEUZE, 2010). Como Haraway com sua cadela. As duas destinadas a contar uma história juntas. Compreender, aprender, finalmente, é a noção comum que fazemos com uma outra criatura (DELEUZE, 2010). Um processo concreto que acontece em relações extremamente localizadas e dimensões locais (HARAWAY, 2003, p. 61).

Dogs are about the inescapable, contradictory story of relationships – co-constitutive relationships in which none of the partners pre-exist the relating, and the relating is never done once and for all. Historical specificity and contingent mutability rule all the way down, into nature and culture, into naturecultures (HARAWAY, 2003, p. 12).

Penso que este é um planeta machucado, cujas partes entram em relações que parcialmente o desagregam. Este planeta é um corpo. Como tal, é composto de infinitas partes. É esta a materialidade das coisas, até o limite do evanescente, da partícula que desaparece. É difícil que o planeta morra. É mais fácil que nossos corpos “humanos-com” morram, porque somos caracterizados por um número menos mal definido de partes infinitas. Mas é preciso saber viver no planeta machucado. Devemos saber o que é viver. Viver é viver-com. Ser não faz sentido porque *ninguém é previamente* a existir e existir é tornar-se um conjunto de relações. Isso é quase Deleuze falando de Spinoza. Simpoiese é o nome do jogo, “*sympoiesis*”, no inglês de Donna Haraway. Fazer-com, devir-com. Holobiontes, complexos indivíduos, para manter o termo que Deleuze usa, ainda que Haraway o descarte e escolha criaturas, “critters”. Complexas criaturas.

In polytemporal, polyspatial knottings, holobionts hold together contingently and dynamically engaging other holobionts in complex patternings. Critters do not precede their relating; they make each other through semiotic material involution, out of the beings of previous such entanglements (HARAWAY, 2016, p. 60).



Criaturas não precedem a relação. Quando a relação específica que constitui um corpo se desagrega, este corpo deixa de existir. Mas: o contrário: a relação se dá e um corpo existe. Esta história é sobre corpos que existem.

A *Lacatumarea silicata* é um holobionte que surge da relação entre Beatriz Chachamovits, o nanquim e o papel. Como ideia, essa criatura é derivada de um conhecimento sobre o mar, sobre as criaturas marítimas e os diversos processos simbióticos que elas engendram. É também decorrente de uma intuição da artista e do

modo como seu corpo é afetado pelo mar em que submerge. É fruto da alegria do encontro entre Beatriz e o mar. Isso diz muito sobre ela, sobre sua capacidade de entrar em relações e, assim, de como seu corpo se redefine em cada criatura que desenha.

Mas suas criaturas não são representações. Não há uma *Lacatumarea silicata* nos oceanos ou em qualquer mar da Terra. A *Lacatumarea* é uma invocação do processo que forma corpos, da simpoiese. Como tal, é, ela própria, um fazer, um feito, uma ficção; ambígua relação com a realidade, mas cheia de materialidade, um corpo de papel, nanquim e humano. Porque não são representações, as criaturas de Chachamovits se relacionam com o porvir. Visam contar uma história verdadeira através de uma multiplicidade de agentes.

Antropoceno é o capítulo de uma história muito pouco ambígua e obstinadamente determinística. As criaturas-criações de Chachamovits evocam uma outra narrativa, um não-relato, aberto, limites sempre renováveis porque sempre se pode perguntar qual é a potência desse terceiro indivíduo que surge da relação de Chachamovits com o mar. Ou, ainda, como sou afetada e qual específica relação, qual indivíduo e quanto minha potência aumenta no encontro com a *Siphonophora Fragmentares*, a *Lacatumarea Silicata* e a *Siphonophora Ovulares*?



Na história possível de Chachamovits, os animais não são classificados em gêneros ou espécies. Essas são noções abstratas e, no limite, absurdas. Foucault ([1966] 2000) já disse ter rido alto com a classificação dos animais naquela enciclopédia chinesa, *Empório celeste de conhecimentos benévolos*, comparável ao método linguístico analítico de John Wilkins, que se revelava ambíguo, redundante e deficiente.

Do que um corpo é capaz é o que conta, diz Deleuze (2010). Compreender os animais através de um mapa etológico dos afetos. Viver as histórias e não as ideologias, afirma Haraway. Esse é o trabalho que ela quer fazer. “*Living with animals, inhabiting their/our stories, trying to tell the truth about relationship, co-habiting and active story: that is the work of companion species, for whom 'the relation' is the smallest possible unit of analysis*” (HARAWAY, 2003, p.20).

Donna Haraway publicou *The Companion Species Manifesto: Dogs, People, and Significant Otherness* em 2003, e esse manifesto é parte da sua história de intelectual com outras espécies. Ela já tinha se envolvido com ciborgues. Aqui, declarou seu amor e descreveu sua evolução com cães. Contestou as concepções de natureza e cultura como polaridades opostas ou categorias universais. Declarou-se uma e juntou-se, mais um vez, a feministas. Escreveu uma demanda da afinidade ou familiaridade (*kinship*) com as espécies de companhia. Apesar de os cães serem seus acompanhantes principais aqui – isso porque a ajudam a pensar numa história de co-evolução como os ciborgues tinham feito – Haraway quer abranger outros seres: arroz, abelhas, tulipas e flora intestinal, que fazem do humano o que ele é, e vice-versa. *Companion species* e não *companion animals*, escreve Haraway. Penso que a questão aqui seja potencializar o corpo, também o humano, adorná-lo narrativamente de espécies que o formam, expandir seus limites e contornos até que estes sejam impossivelmente declaráveis. Evanescentes. Penso, ainda, que esta questão esteja também colocada na obra de Chachamovits. Sua narrativa é escrita por um desenho que surge no fundo branco de onde também surgem as palavras de Haraway. O branco da folha de papel. As duas narrativas existem e se distinguem a partir do conjunto de relações que são suas.



**The Companion Species Manifesto:
Dogs, People, and Significant Otherness**

Donna Haraway

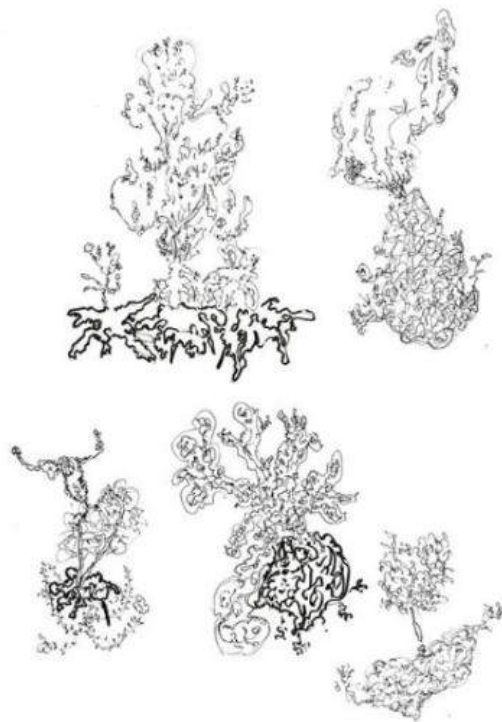
PRICKLY PARADIGM PRESS
CHICAGO

Emergent Naturecultures

From "Notes of a Sports Writer's Daughter":

Ms Cayenne Pepper continues to colonize all my cells—a sure case of what the biologist Lynn Margulis calls symbiogenesis. I bet if you checked our DNA, you'd find some potent transfections between us. Her saliva must have the viral vectors. Surely, her darting-tongue kisses have been irresistible. Even though we share placement in the phylum of vertebrates, we probably are just different genera and divergent families, but altogether different orders.

How would we sort things out? Causid, hominid; pet, professor; bitch, woman; animal, human; athlete, hunter. One of us has a microchip injected under her neck skin for identification; the other has a photo ID



ilha flutuante 4

As ilhas de Chachamovits corroboram, adornam e expandem a narrativa de Haraway sobre os humanos, sobre a evolução do seu corpo como um artifício natural-cultural. Um corpo definido através das relações que estabelece, ou, um conjunto infinito de partes infinitamente pequenas que compõem uma relação específica, como dizem Deleuze e Spinoza. Essa relação não faz nenhuma distinção entre genética e ambiente. Donna Haraway, na história de co-evolução e co-habitação de humanos e cães, insiste na mutabilidade genética e cultural de humano e cães. Sua história

contradiz o “reducionismo biológico”, de um lado, e a “unicidade cultural”, de outro.

A história da ilha é a história de uma relação face-a-face entre a artista e algumas das espécies que compõem o mar. A ilha é o terceiro indivíduo que surge dessa relação. Ainda assim, a ilha, como sabemos, evoca concepções insulares de individualidade. Mas a ilha de Chachamovits é mal formada, seus confins não são claros, sua potência é ainda unaudita. Como tal, a relação da artista com o mar, entre a arte e o mar, nos reenvia para aquele âmbito em que a oposição entre as supostas polaridades natureza e cultura não faz sentido algum. O que Chachamovits faz – e não é pouco – é contrariar histórias. A indefinição quanto aos limites do desenho nos reenvia à infinidade de relações possíveis entre os corpos.

Referências bibliográficas

DELEUZE, Gilles. *Cosa può un corpo? Lezioni su Spinoza*. Verona: Ombre Corte, 2010.

FOUCAULT, Michel. *As palavras e as Coisas: uma arqueologia das ciências humanas*. Trad. Salma Tannus Muchail. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

GILBERT, Scott F., SAPP, Jan; TAUBER, Alfred I.. “A symbiotic View of Life: We Have Never Been Individuals”. *The Quarterly Review of Biology*, Vol. 87, No. 4. p. 325-341, 2012.

HARAWAY, Donna. *The Companion Species Manifesto: Dogs, People, and Significant Otherness*. Chicago: Prickly Paradigm Press, 2003.

HARAWAY, Donna. *Staying with the Trouble: Making Kin in the Chthulucene*. Durham and London: Duke University Press, 2016.